



HAL
open science

Os enquadramentos jornalísticos da Guerra Civil Síria: o caso dos sites de notícias brasileiros G1 e Uol

Gisela Cardoso Teixeira

► To cite this version:

Gisela Cardoso Teixeira. Os enquadramentos jornalísticos da Guerra Civil Síria: o caso dos sites de notícias brasileiros G1 e Uol. *Estudos de Jornalismo*, 2021, 14, pp.5-23. hal-04421256

HAL Id: hal-04421256

<https://hal.science/hal-04421256>

Submitted on 30 Jan 2024

HAL is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

Copyright

Os enquadramentos jornalísticos da Guerra Civil Síria: o caso dos *sites* de notícias brasileiros *G1* e *Uol*

Gisela Cardoso Teixeira

Centro Federal de Educação Tecnológica
de Minas Gerais (CEFET-MG)

giselacardosoteixeira@gmail.com

Resumo

Este artigo tem como objetivo analisar os enquadramentos da Guerra Civil Síria em alguns dos *sites* de notícias mais acessados pelo público brasileiro. Ou seja, o estudo busca observar quais aspectos que constituem os acontecimentos na Síria foram selecionados e enfatizados pelas mídias analisadas, contribuindo na construção das narrativas acerca da Guerra Civil como um acontecimento midiático. Para isso, foram coletadas 56 notícias dos portais informativos *G1* e *Uol Notícias*, referentes a dois eventos específicos do conflito na Síria: o bombardeio ocidental em 14 de abril de 2018, e as ofensivas no noroeste da Síria, entre abril e agosto de 2019. Para alcançar os fins que nortearam esta análise, foi feito um diálogo teórico-metodológico entre as noções da *frame analysis* desenvolvidas por Goffman (1974), Gitlin (1980), Porto (2002) e Emediato (2011), e alguns conceitos sobre a especialização jornalística em conflitos armados, segundo Charaudeau (2012) e Carvalho (2013). Dessa maneira, foi possível identificar três tipos de enquadramentos: um enquadramento voltado às ofensivas bélicas em si, em que foram designados os “personagens da guerra” (o vilão, o herói salvador e as vítimas), de acordo com um roteiro dramatizante (Charaudeau, 2012); o *frame* referente à complexidade política da guerra no cenário mundial, e um enquadramento humanitário, que passa a direcionar o olhar do leitor às vítimas do conflito.

Palavras-chave: Guerra Civil Síria; Jornalismo de Guerra; Enquadramentos jornalísticos; *G1*; *Uol Notícias*.

The journalistic frames of the Syrian Civil War: the case of Brazilian news websites *G1* and *Uol*

Abstract

This article aims to analyze the frames of the Syrian Civil War in some of the news websites most accessed by the Brazilian public. In other words, the study intends to observe which aspects that constitute the events of conflicts in Syria were selected and emphasized by the

analyzed medias, in the construction of narratives about the Syrian Civil War as a media event. For this, 56 news were collected from the websites G1 and Uol Notícias, referring to two specific events of the conflict in Syria: the western bombing on April 14, 2018, and the offensives in northwestern Syria, between April and August 2019. For achieving the purposes that guided this analysis, a theoretical-methodological dialogue was carried out between the frame analysis' notions developed by Goffman (1974), Gitlin (1980), Porto (2002) and Emediato (2011), and some concepts about aspects of journalistic specialization in armed conflicts, according to Charaudeau (2012) and Carvalho (2013). In this way, it was possible to identify three types of framing: a framing aimed at the war offensive itself, in which the "characters of war" (the villain, the savior hero and the victims) were designated, according to a dramatizing script (Charaudeau, 2012); the frame referring to the political complexity of the war on the world stage, and a humanitarian frame, which leads the reader's gaze to the victims of the conflict.

Keywords: *Syrian civil war; War Journalism; Journalistic frames; G1; Uol Notícias.*

Introdução

Segundo o pesquisador francês Rémy Rieffel, "os conflitos armados constituem, sem dúvida, um campo de estudo particularmente favorável para avaliar o papel dos meios de comunicação nas nossas sociedades" (Rieffel, 2005, p. 107). Por essa razão, o autor considera que a guerra é um grande acontecimento midiático, em que "as imagens e relatos de conflitos internacionais ou estrangeiros modificam a natureza da informação difundida e levam as autoridades políticas e militares a quererem controlar sistematicamente o conteúdo da imprensa, do rádio e da televisão" (Rieffel, 2005, p. 108). No entanto, Rieffel destaca que a influência e os efeitos da mídia são variáveis e difíceis de serem avaliados e, por isso, ele sugere a necessidade de retornar aos estudos *ad hoc* e evitar generalizações precipitadas.

Desse modo, o presente artigo tem como objetivo analisar os enquadramentos¹ da Guerra Civil Síria em alguns dos *sites* de notícias mais acessados pelo público brasileiro. Ou seja, o estudo busca observar quais aspectos que constituem os acontecimento na Síria foram selecionados e enfatizados pelas mídias analisadas, contribuindo na construção das narrativas acerca da Guerra Civil como um acontecimento midiático². Logo, é esperado que esta análise possa contribuir aos estudos acerca dos enquadramentos e das coberturas jornalísticas de

¹ Também conhecidos, na língua inglesa, como *frames* ou *frame analysis*.

² Segundo Charaudeau (2012), cabe ao jornalista selecionar os acontecimentos, tratá-los e transmiti-los. Para selecioná-los, é preciso que o acontecimento tenha um potencial de atualidade, de sociabilidade e imprevisibilidade. O acontecimento então, torna-se midiático ao atender a esses princípios, sendo inserido em uma narrativa que lhe dará sentido.

guerra em diferentes domínios de pesquisa.

Iniciada em 2011, com o advento dos protestos da Primavera Árabe³, a Guerra Civil na Síria causou até o momento 494.438 mortes⁴, segundo o Observatório Sírio para os Direitos Humanos (OSDH). O governo respondeu os protestos com violência, o que desencadeou uma série conflitos entre o exército sírio e as forças contrárias ao governo, que têm como objetivo derrubar Bashar al-Assad do poder. Como reação aos ataques químicos supostamente realizados pelo regime sírio, os EUA, a França e o Reino Unido bombardearam o país em 2018, destruindo as instalações onde eram produzidas as armas. Em meio à guerra civil, a população ainda sofre com os ataques dos grupos extremistas islâmicos, sendo o principal o Estado Islâmico, e com os conflitos dos militantes curdos no norte e nordeste do país.

Tratando-se de uma guerra longa e complexa, com atualmente dez anos de duração, foram selecionados, para esta análise, alguns momentos específicos da Guerra Civil Síria, que são relativamente recentes e que tiveram uma notória repercussão internacional: o bombardeio ocidental em 14 de abril de 2018, e as ofensivas no noroeste da Síria entre abril e agosto de 2019.

A respeito das mídias selecionadas para a pesquisa, foram analisados os materiais jornalísticos publicados pelos *sites* de notícias brasileiros *G1*⁵ e *Uol Notícias*⁶. As suas escolhas se justificam por serem os veículos de comunicação *online* mais acessados no país⁷. Uma vez delimitados o objeto de estudo e o período da Guerra da Síria a serem analisados, foram coletadas um total de 56 notícias. É importante mencionar que ambos os *sites* reproduzem os materiais jornalísticos recebidos por agências de notícias internacionais, como a *BBC* (Reino Unido), *Reuters* (Reino Unido) e a *Agence France-Presse* (França). Devido à dependência desses conteúdos estrangeiros, pode-se presumir que as mídias brasileiras apresentam os enquadramentos da Guerra Civil Síria definidos por essas agências, que são provenientes de alguns países que participaram diretamente das ofensivas militares na Síria. Antes de iniciar a análise dos enquadramentos, essa observação será melhor abordada em um tópico deste trabalho, que irá detalhar o *corpus* da pesquisa.

Para identificar os enquadramentos predominantes com relação aos momentos delimitados, foram utilizados os conceitos teórico-metodológicos acerca da *frame analysis*,

³ A Primavera Árabe é a forma como ficaram conhecidos os protestos populares que abalaram o norte da África e o Oriente Médio no final de 2010 e começo de 2011. Na Síria, os manifestantes protestavam contra a forma como a família al-Assad, no poder desde a década de 1970, tem governado o país.

⁴ Dados de 2021. *G1*. (2021). *10 anos de guerra na Síria deixaram quase 500 mil mortos, afirma ONG*. Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/06/01/10-anos-de-guerra-na-siria-deixaram-quase-500-mil-mortos-afirma-ong.ghtml>

⁵ Lançado em setembro de 2006, o *G1* é um portal de notícias mantido pelo Grupo Globo, sob orientação da Central Globo de Jornalismo, o maior conglomerado de veículos de comunicação do Brasil.

⁶ O site *Uol Notícias* pertence à empresa brasileira de conteúdo online *UOL*, sendo o primeiro portal virtual do Brasil, fundado em 1996.

⁷ Dados de 2020, obtidos pela *Alexa*, ferramenta da *Amazon* que mede o tráfego na web. O *G1*, do Grupo Globo, ocupa a primeira posição, enquanto o *Uol Notícias* ocupa o segundo lugar no ranking dos *sites* mais acessados no Brasil. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/imprensa/ranking-da-amazon-metropoles-e-o-3o-site-de-noticias-mais-acessado-do-brasil>

desenvolvidos por Goffman (1974), Gitlin (1980), Porto (2002) e Emediato (2011), que são discutidos no primeiro tópico deste artigo.

Em seguida, são apresentadas algumas considerações acerca da especialização jornalística chamada “Jornalismo de Guerra”, que, propriamente dita, trata-se da cobertura midiática de conflitos armados. Mais precisamente, são expostas determinadas características das narrativas midiáticas sobre guerras, observadas por Charaudeau (2012) e Carvalho (2013), que puderam ser associadas aos tipos de enquadramentos identificados posteriormente na análise.

Após considerar o enquadramento a partir de seu caráter voltado à tematização (Emediato, 2011), foi possível observar diferentes *frames* jornalísticos em determinados momentos do período delimitado para a pesquisa, referentes ao tema predominante nas notícias e, especialmente, aos atores envolvidos na narrativa midiática da Guerra da Síria.

Noções de enquadramentos

A discussão em torno das noções de enquadramento se estende a diversas áreas, tais como a psicologia, sociologia, a comunicação e a linguística. Com isso, Porto (2002) ressalta que o paradigma acerca do enquadramento “ainda se encontra em estado embrionário” (p. 75). Porém, a sua aplicação tem dinamizado o campo da comunicação política, oferecendo uma nova perspectiva para entender o papel da mídia na sociedade.

Desenvolvida inicialmente pelo sociólogo Erving Goffman, a perspectiva metodológica do enquadramento considera o aspecto microscópico das interações interpessoais do cotidiano, em que o quadro (*frame*) seria “uma limitada estrutura cognitiva empregada subjetivamente pelo indivíduo a fim de que este possa atribuir significados aos objetos e aos acontecimentos físicos e abstratos que o cercam” (Hangai, 2012, p. 2). A partir dessa concepção, segundo Goffmann (1974), o enquadramento pode ser visto como marcos interpretativos, construídos no âmbito social, que dão sentido às situações. Em outras palavras, os enquadramentos são princípios de organização que orientam os eventos sociais e a construção de como os indivíduos organizam a experiência.

Ao incorporar a *frame analysis* aos estudos em jornalismo, resultou-se a linha de pesquisa conhecida como *news framing*. Todd Gitlin, sociólogo e pesquisador sobre os meios de comunicação de massa, foi o pioneiro nas pesquisas do enquadramento no campo dos estudos da mídia, com a sua análise da cobertura jornalística sobre o *Students for a Democratic Society* (SDS), um movimento estudantil dos EUA, na década de 1960. Segundo Gitlin (1980), o conceito de enquadramento está relacionado a padrões de cognição, interpretação e apresentação, que envolvem a ênfase e a exclusão.

É possível dizer que o enquadramento guia como os indivíduos entendem o

mundo, e assim, formam julgamentos, isto é, a noção de enquadramento aponta para a ideia de que as mensagens jornalísticas geralmente definem problemas, diagnosticam suas causas, sugerem julgamentos morais e, eventualmente, apontam determinadas soluções.

Ainda no campo dos estudos da comunicação, “as pesquisas fundamentadas na *frame analysis* debruçaram-se sobre como o jornalismo constrói seus enquadramentos acerca do mundo e quais recursos e medidas ele usa para isso” (Hangai, 2012, p. 5), em que além de analisar os elementos que constituem o *frame* jornalístico, os pesquisadores tendem a observar os enquadramentos interpretativos dominantes nos noticiários. De acordo com Hangai (2012), esse tipo de análise parte do pressuposto de que toda produção jornalística recorre a recursos externos para completar o seu quadro, tais como o uso de políticos, empresários e instituições sociais como fontes ouvidas para a constituição da narrativa de determinado acontecimento midiático. Essa concepção condiz com os conceitos desenvolvidos por Porto (2002), que consideram os enquadramentos como “elementos constitutivos importantes das narrativas e do processo pelo qual fazemos sentido do mundo da política” (p. 75).

Já nos estudos linguísticos, principalmente da análise do discurso, os conceitos acerca do enquadramento podem ser relacionados aos argumentos de Charaudeau (2012), que defende a ideia de que o acontecimento jornalístico é sempre construído em uma narrativa. Tomando a notícia como um discurso, os acontecimentos são construídos a partir do uso de estratégias de dramatização e captação para atrair a atenção do leitor e influenciá-lo. Consequentemente, os enquadramentos podem levar a um agendamento de temas referentes aos acontecimentos que permeiam o mundo social. Segundo Charaudeau (2012), a hipótese da *agenda-setting* se baseia no fato que os indivíduos organizam seus comentários sobre o que acontece no espaço público de acordo com aquilo que as mídias lhes apresentam. Desse modo, as mídias selecionam e organizam as informações para apresentá-las como o que realmente aconteceu.

Ainda a respeito dos estudos voltados à análise do discurso midiático, Wander Emediato afirma que o enquadramento pode ser caracterizado como uma esquematização que direciona o olhar do outro. Mais especificamente, segundo o supracitado autor,

o enquadramento possui um escopo argumentativo na medida em que permite circunscrever a discussão pela tematização, apresentar os objetos de linguagem de uma forma e não de outra, por meio das operações de referência (nomeação, designação) e predicação, a fim de direcionar a problematização em um determinado curso (Emediato, 2011, p. 328)

Assim sendo, uma das estratégias de enquadramento seria a delimitação do debate em

torno de um determinado tema, ou seja, por meio da tematização. Logo, o enquadramento temático pode ser considerado uma operação discursiva, sendo que sua intenção consiste em agir sobre as representações do outro, propondo-lhe um debate de acordo com os seus limites.

Pode-se dizer, em suma, que os *frames* jornalísticos são estabelecidos a partir de padrões de seleção da realidade, o que envolve conseqüentemente a ênfase e a exclusão de determinados fatos que compõem o acontecimento em seu "estado bruto", guiados pelos critérios de noticiabilidade⁸ das mídias, assim como as suas intencionalidades.

Para esta presente análise, os enquadramentos das notícias relativas aos períodos selecionados da Guerra Civil Síria foram observados a partir dos temas enfatizados em suas narrativas, a fim de compreender como as mídias tentaram direcionar o olhar do leitor para o acontecimento do conflito. Nessa perspectiva, foram identificados três enquadramentos predominantes nas 56 notícias analisadas, dos sites *G1* e *Uol Notícias*: o enquadramento das ofensivas militares, das questões políticas em torno da guerra e um enquadramento de caráter humanitário.

Considerações sobre a cobertura jornalística de conflitos armados

Segundo Allan & Zelizer (2004), os primeiros conflitos a receber uma ampla cobertura jornalística foram a Guerra da Crimeia (1853-1856) e a Guerra Civil Americana (1861-1865). Considerando então esse período histórico, muitos pesquisadores concordam que o irlandês William Howard Russell seja oficialmente o primeiro correspondente de guerra devido ao seu trabalho na Guerra da Crimeia. O pesquisador português Élvio da Silva Carvalho concorda com esse fato e afirma que o título de "primeiro correspondente de guerra moderno" atribuído à Russell deve-se à sua forma com que relatava o conflito, o que fez com que as suas narrativas de guerra fossem consideradas uma inovação na imprensa da época.

Assim como as demais especializações do jornalismo, a cobertura midiática de guerras possui determinadas características específicas, como por exemplo, a presença do "fator choque" e o apelo das emoções. Além disso, há ainda a construção de uma narrativa "do bem contra o mal" para relatar os acontecimentos das zonas de conflito. Carvalho (2013) procurou identificar as particulares dessa especialização jornalística que, segundo o autor,

os textos utilizam uma linguagem indireta, tendendo a estrutura de notícia de guerra a desviar-se da pirâmide invertida para seguir um estilo mais próximo da grande reportagem. O fator 'choque' e o apelo às emoções está intimamente ligado às notícias de guerra, sendo recorrentes fotografias, textos, títulos e histórias de civis que apelem à emoção. Os exclusivos de guerra e os relatos dos enviados especiais de cada

⁸ Os critérios de noticiabilidade "são o conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é susceptível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo 'valor-notícia'" (Traquina, 2008, p. 63).

publicação recebem um destaque acrescido (Carvalho, 2013, p. 20).

Outro aspecto do jornalismo de guerra se refere à espetacularização da notícia, que geralmente se dá por meio da ênfase ao horror ou às “maravilhas” tecnológicas da guerra — isso, aliás, pode ser identificado por meio de seus enquadramentos.

Segundo Charaudeau (2012), por sua vez, as mídias adotam um “roteiro dramatizante” para relatar os acontecimentos, que consiste em:

(1) mostrar a desordem social com suas vítimas e seus perseguidores; (2) apelar para a reparação do mal, interpelando os responsáveis por este mundo; (3) anunciar a intervenção de um salvador, herói singular ou coletivo com o qual cada um pode identificar-se (Charaudeau, 2012, p. 254).

O autor ressalta também que, dependendo do momento em que o acontecimento é compreendido, a mídia enfocará mais as vítimas, ou mais sobre os perseguidores, ou sobre o herói.

Assistimos a isso na Guerra do Golfo, quando as mídias contribuíram para fabricar a figura satânica do agressor na pessoa de Saddam Hussein, e, diante dele, a figura limpa e eficaz do salvador (“guerra cirúrgica”), representada pelo exército americano-europeu. Também assistimos a isso na guerra da ex-Iugoslávia, quando as mídias construíram a figura de perseguidor na pessoa de Milosevic, justificando com isso a intervenção salvadora da potência norte-americana. Quanto aos conflitos ocorridos na Chechênia e em Ruanda, como não contêm elementos que permitiam que se fale de um perseguidor (fala-se um pouco da Rússia para a Chechênia, mas é uma figura muito apagada), as mídias (particularmente a televisão) concentraram-se nas vítimas, descrevendo a miséria das populações que vivem nesses países. Quanto ao conflito israelense-palestino, o projetor midiático orientou-se alternadamente para os perseguidores e para as vítimas dos dois campos (Charaudeau, 2012, p. 254)

Nesta parte do artigo, foram abordadas algumas características recorrentes na prática da cobertura midiática de conflitos armados. Tais conceitos são úteis para observar alguns aspectos dos enquadramentos encontrados no material coletado para esta pesquisa. Como poderá ser lido posteriormente, os *frames* observados nesta pesquisa condizem com alguns conceitos discorridos aqui, como a noção do “roteiro dramatizante” segundo Charaudeau (2012); o estabelecimento de um inimigo, e as histórias de civis inocentes, conforme pontuam Charaudeau (2012) e Carvalho (2013).

As agências de notícias internacionais como fontes jornalísticas

Durante a coleta e a análise do material que compõe o *corpus* desta pesquisa, foi observado que a maior parte das notícias publicadas pelo *G1* e *Uol Notícias* são provenientes de agências internacionais: no total, foram identificados 48 textos oriundos de redações estrangeiras, que

se tratam da *Agence-France Presse* (França), *Reuters* (Reino Unido), *BBC* (Reino Unido) e *EFE* (Espanha). Com relação às notícias produzidas pelos próprios *sites* brasileiros, foram encontradas apenas nove, conforme pode ser observado a seguir.

Tabela 1. Origem dos conteúdos informativos publicados pelos sites G1 e Uol Notícias

Notícia	Portal de notícias brasileiro	Origem: Agência de notícias	País de origem da agência de notícias
EUA, Reino Unido e França lançam ataque contra a Síria em resposta a suposto uso de armas químicas	G1	Agence-France Presse	França
EUA, Reino Unido e França bombardeiam Síria em resposta a uso de armas químicas	Uol Notícias	Agence-France Presse	França
O que são os mísseis Tomahawk usados pelos EUA no ataque à Síria	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
105 mísseis e 3 alvos: veja como foi o ataque, as armas utilizadas e quais foram os alvos na Síria	G1	-	-
Londres usa quatro aviões Tornados em "ataque bem-sucedido" na Síria	Uol Notícias	EFE	Espanha
EUA e aliados dobram quantidade de mísseis lançados na Síria em comparação com ataque de 2017	G1	Agence-France Presse	França
Bombardeios no norte da Síria matam civis; aviões da Rússia participam da operação, diz ONG	G1	Agence-France Presse	França
ONU diz que ataques aéreos na Síria mataram mais de 100 civis em 10 dias	G1	Reuters	Reino Unido
Putin condena ataque na Síria e pede reunião de emergência da ONU	Uol Notícias	-	-
'Não ficarão sem consequências': como a Rússia e outros aliados da Síria reagiram aos ataques liderados pelos EUA	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
EUA afirmam que Síria e Rússia querem apagar provas de ataque químico em Duma	Uol Notícias	EFE	Espanha
A guerra de versões sobre ataque químico que detonou novo capítulo no conflito na Síria	G1	BBC News	Reino Unido

A guerra de versões sobre ataque químico em Douma que detonou novo capítulo no conflito na Síria	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
'A Guerra Fria voltou', diz secretário-geral da ONU em reunião sobre a Síria	G1	Agence-France Presse	França
Putin fala em 'caos' mundial se Ocidente voltar a atacar Síria	G1	Reuters e EFE	Reino Unido e Espanha
A história por trás da foto de menina que tenta salvar irmã após bombardeio na Síria	G1	BBC News	Reino Unido
A história por trás da foto de menina que tenta salvar irmã após bombardeio na Síria	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
O rosto do menino que traduz a tragédia e o horror da guerra na Síria	G1	BBC News	Reino Unido
Neurocirurgião salva vidas em porão de hospital de área sob ataque na Síria	Uol Notícias	-	-
Médica síria cria site para financiar trabalho comunitário em zonas de guerra	Uol Notícias	-	-
Ataque à Síria reduz centro de pesquisa a destroços e fumaça; veja o antes e depois dos alvos	Uol Notícias	-	-
8 perguntas para entender motivo de ataque à Síria e origem do conflito	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
8 perguntas para entender motivo de ataque à Síria e origem do conflito	G1	BBC News	Reino Unido
Contra ameaça química, Trump dobra número de mísseis disparados na Síria	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
"Missão cumprida!", diz Trump após ataques contra alvos na Síria	Uol Notícias	Agence-France Presse	França
Macron elogia "excelente coordenação" nos bombardeiros na Síria	Uol Notícias	EFE	Espanha
ONU avalia nova resolução para investigar armas químicas na Síria	Uol Notícias	Agence-France Presse	França
Rússia adverte para "consequências" de ataque à Síria	Uol Notícias	Agence-France Presse	França
Trump diz que ataque contra Síria foi "missão cumprida" com "execução perfeita"	Uol Notícias	Reuters	Reino Unido
EUA afirmam que Síria e Rússia querem apagar provas de ataque químico em Duma	Uol Notícias	EFE	Espanha

ONU recusa resolução proposta pela Rússia para condenar ataques contra alvos na Síria	Uol Notícias	-	-
Conselho de Segurança da ONU rejeita pedido russo de condenação a ataques na Síria	G1	-	-
Putin acusa EUA de ajudarem terroristas com seu ataque contra a Síria	G1	EFE	Espanha
Temer manifesta 'profunda preocupação' sobre escalada da violência na Síria	G1	-	-
Ataque de Israel à Síria mata 10 combatentes e deixa outros 7 feridos	G1	EFE	Espanha
Governo sírio usa armas proibidas em novo ataque, de acordo com ONG	G1	Agence-France Presse	França
Seis civis foram mortos em um ataque a uma província no noroeste da Síria	G1	Agence-France Presse	França
Ataque com mísseis na Síria mata 40 jihadistas	G1	Agence France-Presse	França
Novos confrontos no noroeste da Síria deixam dezenas de mortos	G1	Agence France-Presse	França
Novo confronto em Idlib, na Síria, deixa dezenas de mortos	G1	Agence France-Presse	França
Ofensiva de Israel na Síria deixa civis mortos, afirma mídia estatal	G1	Reuters	Reino Unido
Bombardeios no norte da Síria matam civis; aviões da Rússia participam da operação, diz ONG	G1	Agence-France Presse	França
Ataques aéreos deixam dezenas de mortos na Síria, dizem equipes de resgate	G1	Agence-France Presse	França
Bombardeios no norte da Síria matam civis; aviões da Rússia participam da operação, diz ONG	G1	Agence-France Presse	França
ONU diz que ataques aéreos na Síria mataram mais de 100 civis em 10 dias	G1	Reuters	Reino Unido
Ataques aéreos do regime sírio matam civis, entre eles crianças, no noroeste do país	G1	Agence-France Presse	França
Dois ataques israelenses de mísseis matam quinze combatentes na Síria	Uol Notícias	Agence-France Presse	França

Para além das telas da TV: conheça histórias de imigrantes e refugiados sírios em Juiz de Fora	G1	-	-
Explosão de carro-bomba no norte da Síria deixa mortos, inclusive civis	G1	EFE	Espanha
Menina de cinco anos morre após salvar irmã bebê em bombardeio na Síria	G1	Agence-France Presse	França
O massacre de civis e crianças na guerra da Síria que foi ignorado pelo resto do mundo	G1	BBC News	Reino Unido
O massacre de civis e crianças na guerra da Síria que foi ignorado pelo resto do mundo	Uol Notícias	BBC News	Reino Unido
Crianças são resgatadas de escombros na Síria	G1	BBC News	Reino Unido
Turquia inicia ofensiva contra milícia curda na Síria	G1	Reuters	Reino Unido
Bombardeio russo deixa seis mortos na Síria	G1	Agence-France Presse	França
Explosões atingem região do aeroporto de Damasco, na Síria	G1	Agence-France Presse	França

Fonte: Elaborado pela autora do artigo (Dezembro de 2021)

No período delimitado para o presente estudo, a agência de notícias internacional mais utilizada por ambos os portais brasileiros foi a *Agence-France Presse*, que totalizou 21 textos. As britânicas *BBC* e *Reuters* são também frequentemente creditadas, com 13 e 6 notícias, respectivamente (ou seja, foram identificadas um total de 19 notícias redigidas a partir do conteúdo enviado do Reino Unido).

Como dito anteriormente, a respeito das notícias produzidas pelos próprios *sites* brasileiros, nove integram o *corpus* deste trabalho. O *Uol Notícias* foi a mídia que mais publicou conteúdo informativo de sua autoria: foram encontradas cinco, como a “Neurocirurgião salva vidas em porão de hospital de área sob ataque na Síria” e “Médica síria cria site para financiar trabalho comunitário em zonas de guerra”, ambas assinadas pela jornalista Flávia Mantovani.

A partir desses dados, pode-se dizer que os acontecimentos noticiados pelos *G1* e o *Uol Notícias* foram originalmente enquadrados pelas agências de notícias internacionais — ou seja, as mídias teriam “republicado” os “enquadramentos estrangeiros”. Conforme foi observado, França e Reino Unido são as nações de origem das três agências mais utilizadas como fontes jornalísticas pelos *sites* brasileiros (*Agence-Presses France*, *Reuters* e *BBC*), e que são também dois países que intervieram militarmente na Guerra Civil Síria, contra o governo de Bashar al-

Assad⁹.

Em uma abordagem discursiva, o enquadramento pode ser considerado uma perspectiva político-ideológica, sendo afetado pela origem da produção jornalística, o que, neste caso, envolve as posições políticas e as intencionalidades dos países com relação ao seu envolvimento na guerra. Sendo assim, os *sites* brasileiros estariam a enquadrar os acontecimentos da Guerra Civil Síria segundo os princípios de organização das agências de notícias, os quais podem ser guiados pelos posicionamentos ideológicos de sua nação de origem.

Este tópico teve como objetivo expor um maior detalhamento do *corpus* da pesquisa, principalmente no se refere à origem dos enquadramentos que serão explicados nas páginas seguintes. No entanto, para chegar a uma conclusão definitiva acerca da relação dos *frames* com o país de origem das mídias, seria necessária uma pesquisa com um viés mais desenvolvido e voltado a um panorama discursivo. Em outras palavras, para realizar uma análise aprofundada dos diferentes enquadramentos em coberturas jornalísticas de guerras, é preciso considerar as intencionalidades editoriais, políticas e/ou econômicas presentes em um dado contexto da realidade do conflito.

Os enquadramentos das ofensivas militares: as vítimas e a justificativa de um “mal necessário”

Tratando-se de coberturas jornalísticas de guerra, pressupõe-se a predominância — ou então, uma quantidade significativa — de notícias em que são enfatizados os ataques bélicos. Um exemplo foi a cobertura midiática da Guerra do Golfo, em 1990, em que, segundo Arbex Júnior (2001), a imprensa destacou muito mais as armas, o *show* de imagens, as batalhas noturnas e a tecnologia do que o horror, o homem, a vida, as vítimas e a destruição.

No caso da cobertura noticiosa do bombardeio ocidental na Síria, em 14 de abril de 2018, foram identificadas 10 notícias que possuem um enquadramento voltado à destruição e ao poderio militar das potências ocidentais. No entanto, o que chama atenção nesses mesmos textos jornalísticos é a presença da narrativa da “luta do bem contra o mal”, o que Charaudeau (2012) considera um “roteiro dramatizante”, conforme explicado anteriormente.

Nesse caso, apesar dos Estados Unidos, França e Reino Unido terem feito uso da violência e da destruição, a sua ação é justificada pelo fato de impedir que o regime sírio executasse um ataque químico contra a própria população, como pode ser observado nos excertos das notícias “EUA, Reino Unido e França lançam ataque contra a Síria em resposta a

⁹ O Brasil, por sua vez, não atuou no conflito, mas em 16 de fevereiro de 2012, como membro da Assembleia Geral das Nações Unidas, votou a favor de uma resolução que condenou as violações de direitos humanos e os ataques contra a população civil durante o regime de Assad.

suposto uso de armas químicas¹⁰ e “EUA, Reino Unido e França bombardeiam Síria em resposta a uso de armas químicas¹¹, respectivamente:

O Pentágono anunciou que três alvos foram atingidos na Síria: um centro de pesquisa e produção de armas químicas e biológicas em Damasco, um armazém de armas químicas em Homs, a leste de Damasco – em que os EUA acreditam que estavam estoques de gás sarin – e uma base na mesma cidade que também teria armas químicas (G1, 2018).

Em entrevista coletiva neste sábado, o Pentágono disse que os ataques durante a noite atingiram todos os alvos e tinham como objetivo dar um sinal inequívoco ao governo sírio e impedir o uso futuro de armas químicas. Segundo autoridades, os ataques enfraqueceram significativamente a capacidade do presidente sírio Bashar al-Assad de produzir armas químicas e o Pentágono não estava ciente de nenhuma morte civil resultante da ofensiva (...) Missão cumprida! O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, elogiou neste sábado as operações militares realizadas em coordenação com França e Reino Unido contra alvos na Síria, e advertiu que voltará a atacar caso o governo sírio insista em utilizar armas químicas (Uol Notícias, 2018).

Como pode ser observado, o acontecimento do bombardeio ocidental foi enquadrado como uma estratégia necessária, como uma forma de prevenir um mal maior. Além disso, não foi citado o número de mortes e feridos, o que leva a crer que foi um ataque precisamente “cirúrgico” em alvos específicos (algo semelhante com o que ocorreu com a cobertura midiática da Operação Tempestade no Deserto, pela Coalizão Ocidental, na Guerra do Golfo).

Foi possível então analisar o enquadramento de um “herói” e de um “vilão”, de um “mal a ser combatido”. No caso das narrativas analisadas, a ênfase é dada a ambos os personagens: o herói seria os Estados Unidos, a França e o Reino Unido, que coordenaram o ataque, enquanto vilão é personificado no regime sírio, comandado por Bashar al-Assad, e os seus aliados (em especial, a Rússia). Esses enquadramentos podem ser melhor observados no seguinte trecho:

O presidente dos EUA disse que o uso de armas químicas foi uma escalada significativa e que as ações de Assad foram ações de “um monstro”. “Esse massacre [em Duma] foi uma escalada significativa em um padrão de uso de armas químicas por aquele regime terrível”, disse o presidente. “O mal e o ataque desprezível deixaram mães e pais, bebês e crianças se debatendo de dor e ofegando por ar. Essas não são as ações de um homem. Elas são crimes de um monstro” (G1, 2018)¹².

O *site* de notícias G1 selecionou e enfatizou uma parte do pronunciamento oficial do presidente Donald Trump, que pode ser visto como justificativa ao ataque ocidental na Síria. Além disso, o mesmo texto destaca as ações de al-Assad como as de um “monstro”, conforme

¹⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-anuncia-ataque-na-siria.ghtml>

¹¹ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/13/eua-reino-unido-e-franca-irao-realizar-ataques-precisos-na-siria-em-resposta-a-ataques-quimicos.htm>

¹² Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/trump-anuncia-ataque-na-siria.ghtml>

fora caracterizado por Trump, o que contribui para o enquadramento do líder sírio como o vilão na narrativa do bem contra o mal.

Já a respeito do enquadramento do bombardeio ocidental a partir de seu poderio militar, dentre as dez notícias com a temática sobre a ofensiva, foram identificadas seis (quatro do *Uol Notícias* e duas publicadas no *G1*). Nesses textos, foram enfatizadas a alta precisão, a destruição e o sucesso do ataque, como também as armas e demais recursos bélicos utilizados durante o ataque. Alguns exemplos desses enquadramentos podem ser vistos nas notícias "O que são os mísseis Tomahawk usados pelos EUA no ataque à Síria"¹³ (*Uol Notícias*, 2018), "105 mísseis e 3 alvos: veja como foi o ataque, as armas utilizadas e quais foram os alvos na Síria"¹⁴ (*G1*, 2018), "Londres usa quatro aviões Tornados em 'ataque bem-sucedido' na Síria"¹⁵ (*Uol Notícias*, 2018) e "EUA e aliados dobram quantidade de mísseis lançados na Síria em comparação com ataque de 2017"¹⁶ (*G1*, 2018). Desse modo, pode ser observado também um enquadramento que designa os países ocidentais envolvidos como nações militarmente superiores, o que pode ser relacionado à ideia de que o "bem sempre vencerá".

Com relação aos ataques no noroeste da Síria, em 2019, a temática das ofensivas militares passou a ter um novo enquadramento: a ênfase no número das vítimas, especialmente dos mortos, mas não deixando de destacar os responsáveis pelas perdas humanas. Além disso, a quantidade de notícias que enquadraram os ataques foi maior do que as publicadas em 2018, tendo sido contabilizadas doze (onze de autoria do *G1*, e apenas uma do *Uol Notícias*).

Já no título das notícias, é possível notar o destaque nas vítimas, mas em seu texto, a imagem do agressor é colocada em foco, sendo alguns exemplos "Bombardeios no norte da Síria matam civis; aviões da Rússia participam da operação, diz ONG"¹⁷ (*G1*, 2018) e "ONU diz que ataques aéreos na Síria mataram mais de 100 civis em 10 dias"¹⁸ (*G1*, 2018).

Um ataque aéreo coordenado pelo governo de Bashar Al-Assad e com participação de aeronaves da Rússia deixou ao menos 25 mortos no norte da Síria nesta segunda-feira (10), informou o Observatório Sírio dos Direitos Humanos (OSDH). De acordo com a ONG, houve quase 100 bombardeios nas províncias de Idlib e Aleppo. Só em Jabala, no sul de Idlib, ao menos 13 pessoas morreram. Além disso, a organização suspeita de que haja civis debaixo dos escombros (*G1*, 2018).

¹³ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/16/o-que-sao-misseis-tomahawk-usados-pelos-eua-no-ataque-a-siria.htm>

¹⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/105-misseis-e-3-alvos-veja-como-foi-o-ataque-contra-armas-quimicas-na-siria.ghtml>

¹⁵ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/04/14/londres-usa-quatro-avioes-tornados-em-ataque-bem-sucedido-na-siria.htm>

¹⁶ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/eua-e-aliados-dobram-quantidade-de-misseis-lancados-na-siria-em-comparacao-com-ataque-de-2017.ghtml>

¹⁷ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/06/10/bombardeios-no-norte-da-siria-matam-civis-avioes-da-russia-participam-da-operacao-diz-ong.ghtml>

¹⁸ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/07/26/onu-diz-que-ataques-aereos-na-siria-mataram-mais-de-100-civis-em-10-dias.ghtml>

Conforme pôde ser observado nesta análise, o enquadramento temático acerca das ofensivas bélicas na Síria tiveram características distintas em diferentes momentos: nas notícias referentes ao ataque ocidental em abril de 2018, as ações das potências ocidentais envolvidas foram enquadradas como uma estratégia necessária para evitar um ataque químico por parte do governo sírio, além do destaque à “bem sucedida destruição” de seu poderio bélico, sem ter deixado vítimas civis. Ao mesmo tempo, o regime sírio e seus aliados são enquadrados como o mal que precisa ser combatido.

No material jornalístico sobre as ofensivas do exército sírio e russo no noroeste do país, em 2019, o enquadramento do “vilão da guerra” ainda persiste, mas, dessa vez, é dada ênfase às vítimas de seus ataques, que são representadas especialmente em números. Também é interessante analisar que, ao contrário das notícias que relataram o bombardeio ocidental, a destruição provocada pelo regime sírio não é justificada, mencionando apenas que as suas ofensivas tiveram como alvo grupos rebeldes contrários ao governo e jihadistas.

Assim sendo, uma mesma temática selecionada para a construção de uma narrativa jornalística pode receber diferentes enquadramentos, que podem também ser alterados ao longo do curso dos acontecimentos e, principalmente, com os atores envolvidos.

O viés político da guerra

Durante a análise do material jornalístico publicado pelos sites *G1* e *Uol Notícias*, foram identificadas também narrativas que podem direcionar a atenção do público-leitor à questão política por trás dos conflitos na Guerra Civil Síria. No conteúdo selecionado, esse tipo de enquadramento esteve presente nas notícias referentes ao bombardeio ocidental em 2018, o que pode ser explicado pelo número significativo de países envolvidos no acontecimento. O site *Uol Notícias* foi a mídia que mais investiu nesse viés, com dez notícias publicadas, enquanto o *G1* proporcionou seis.

Mais especificamente, os enquadramentos identificados como “políticos” referem-se à problemática geopolítica da Guerra na Síria, entre os países aliados ao regime de Bashar al-Assad e seus opositores. Nesse caso, o enquadramento político da guerra é voltado às reações internacionais sobre o bombardeio ocidental, principalmente por parte da Rússia. Alguns exemplos são as notícias “Putin condena ataque na Síria e pede reunião de emergência da ONU”¹⁹, “Não ficarão sem consequências’: como a Rússia e outros aliados da Síria reagiram aos ataques liderados pelos EUA”²⁰ e “EUA afirmam que Síria e Rússia querem apagar provas

¹⁹ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2018/04/14/condena-ataque-siria.htm>

²⁰ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/14/como-os-aliados-da-siria-reagiram-ao-ataque-liderado-pelos-eua.htm>

de ataque químico em Duma”²¹, publicadas pelo *Uol Notícias*.

Além disso, ambos os portais de notícias tentaram explicar a complexidade política da Guerra Civil Síria por meio da matéria “A guerra de versões sobre ataque químico em Douma que detonou novo capítulo no conflito na Síria”²². O enquadramento da face geopolítica do conflito é ainda mais evidente nas notícias que enfatizavam uma possível instabilidade na diplomacia internacional, como nas matérias “‘A Guerra Fria voltou’, diz secretário-geral da ONU em reunião sobre a Síria”²³ e “Putin fala em ‘caos’ mundial se Ocidente voltar a atacar Síria”²⁴, publicadas pelo *G1*. Mais precisamente, o enquadramento político está presente nas narrativas em que são expostas as trocas de acusações entre os países aliados e opositores ao governo sírio, mas com foco a uma possível instabilidade mundial como consequência.

Com esse tipo de enquadramento, voltando à temática geopolítica, o público-leitor pode compreender a Guerra Civil na Síria não apenas como um conflito local que tem provocado centenas de mortos, feridos e refugiados, como também um evento que pode ameaçar a estabilidade da paz mundial. Dessa maneira, a experiência do leitor com os conflitos na Síria pode se tornar ainda mais significativa, especialmente em seu cotidiano.

Já em relação às notícias referentes aos ataques no noroeste na Síria, em 2019, não foram identificadas narrativas com um viés político, o que pode ser devido à ausência das nações ocidentais nessa fase do conflito.

O enquadramento humanitário: as vítimas dos conflitos em 2019

Enquanto o bombardeio ocidental na Síria em 2018 foi enquadrado a partir do poderio bélico e das questões políticas da guerra, as ofensivas no noroeste do país em 2019 foram relatadas pelo *G1* e o *Uol Notícias* com uma ênfase nas vítimas, mas com um *frame* diferente das narrativas do conflito no ano anterior.

Enquanto as vítimas eram enquadradas apenas por números, o que também sustentava o enquadramento de seu agressor e a justificativa da interferência dos países ocidentais, as vítimas da guerra no período analisado em 2019 passaram a ter rostos nas notícias. Isto é, as histórias dos mortos, feridos e refugiados tornaram-se enfatizadas nas narrativas como a real consequência de um conflito armado. Sendo assim, o olhar do leitor é direcionado ao horror e à tragédia da guerra.

Para esta análise, esse enquadramento foi denominado como “humanitário”, uma vez

²¹ Disponível em <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2018/04/19/eua-afirmam-que-siria-e-russia-querem-apagar-provas-de-ataque-quimico-em-duma.htm>

²² Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-guerra-de-versoes-sobre-ataque-quimico-que-detonou-novo-capitulo-no-conflito-na-siria.ghtml> e <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2018/04/14/a-guerra-de-versoes-sobre-ataque-quimico-que-detonou-novo-capitulo-no-conflito-na-siria.htm>

²³ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/a-guerra-fria-voltou-diz-secretario-geral-da-onu.ghtml>

²⁴ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/putin-fala-em-caos-mundial-se-ocidente-voltar-a-atacar-siria.ghtml>

que chama atenção para as reais vítimas da guerra civil, o que pode provocar uma maior comoção no leitor. Esse tipo de enquadramento foi identificado em seis notícias publicadas pelo *G1* e cinco pelo *Uol Notícias*, como por exemplo, o texto “A história por trás da foto de menina que tenta salvar irmã após bombardeio na Síria”²⁵, publicado em ambos os *sites*.

A foto de três irmãs nos escombros de um prédio após um ataque aéreo na Síria gerou forte comoção recentemente nas redes sociais. A imagem, capturada pelo jornalista Bashar al-Sheikh, mostra Riham, de cinco anos, segurando Tuka, de sete meses, pela roupa, para impedir que ela caia da montanha de destroços; enquanto a outra irmã, que quase não aparece na imagem, parece estar presa sob os blocos de concreto. O tio das meninas observa a cena do alto dos escombros levando uma das mãos à cabeça. Ele conta que estava deitado na cama, quando ouviu um jato sobrevoando a cidade de Ariha, na província de Idlib, na última quarta-feira (...) Apesar de ter sido socorrida, Riham não resistiu aos ferimentos. Ainda não se sabe ao certo o que aconteceu com a outra irmã que mal aparece na foto, identificada como Dalia. Há alguns dias, um médico havia dito à agência de notícias AFP que ela ainda se encontrava sob tratamento, em estado grave, porém estável, no hospital. A bebê, Tuqa, sobreviveu à tragédia. “Tuqa está em casa, espero que fique boa logo”, diz o jornalista (*G1*, 2019)

Como pode ser observado no excerto acima, a narrativa da Guerra Civil Síria ganhou personagens que ilustram os horrores do conflito vivenciados pela população. Nesse caso, as vítimas não são representadas apenas como números, mas como pessoas reais. Posteriormente, o mesmo portal publicou mais uma notícia sobre a menina Riham, anunciando o seu falecimento. Outro exemplo desse mesmo enquadramento é a matéria “O rosto do menino que traduz a tragédia e o horror da guerra na Síria”²⁶, também publicada pelo *G1*.

Pode-se dizer que o sofrimento humano é enquadrado como a representação da guerra e de seu horror nas narrativas noticiosas. Além da ênfase nas histórias das vítimas, foi possível identificar relatos de outros personagens que lutam pela sobrevivência na guerra: o *Uol Notícias*, por exemplo, enquadrou a luta dos médicos como a representação das dificuldades e da superação, como em “Neurocirurgião salva vidas em porão de hospital de área sob ataque na Síria”²⁷ e “Médica síria cria site para financiar trabalho comunitário em zonas de guerra”²⁸. Logo, é possível dizer que o enquadramento do “herói” é voltado aos civis que tentam salvar vidas em meio ao caos.

²⁵ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/02/a-historia-por-tras-da-foto-de-menina-que-tenta-salvar-irma-apos-bombardeio-na-siria.ghtml> e <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/bbc/2019/08/02/historia-por-tras-da-foto-de-menina-que-tenta-salvar-irma-apos-bombardeio-na-siria.htm>

²⁶ Disponível em <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/08/19/o-rosto-do-menino-que-traduz-a-tragedia-e-o-horror-da-guerra-na-siria.ghtml>

²⁷ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/neurocirurgiao-salva-vidas-em-porao-de-hospital-de-area-sob-ataque-na-siria.shtml>

²⁸ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2019/07/medica-siria-cria-site-para-financiar-trabalho-comunitario-em-zonas-de-guerra.shtml>

Conclusões

Os enquadramentos dos acontecimentos do bombardeio ocidental na Síria, em abril de 2018, e dos ataques no noroeste da Síria, entre abril e julho de 2019, variaram de acordo com alguns fatores, tais como o acontecimento analisado, os atores envolvidos e a mídia em que foi noticiado. Conforme foi analisado, o bombardeio ocidental em 2018 teve como ênfase o relato de sua ofensiva em si, incluindo as justificativas do ataque por meio de uma narrativa em que haveria um mal a ser combatido, a fim de evitar mais vítimas. Além disso, o enquadramento voltado à política foi recorrente em outras narrativas. Já nas notícias do ano seguinte, identificou-se o que foi denominado de “enquadramento humanitário”, caracterizado por personificar as vítimas da guerra.

Com relação aos *sites* de notícias analisados, em geral, o *G1* optou por publicar as matérias jornalísticas com o enquadramento humanitário, enquanto o *Uol Notícias* difundiu majoritariamente os textos com o enquadramento relacionado às questões geopolíticas da guerra. Assim sendo, a presente análise também mostra que um mesmo acontecimento pode receber enquadramentos distintos: os *frames* se alteram no curso dos eventos, levando também em consideração as intencionalidades das mídias, guiadas pelos seus critérios de noticiabilidade, que os definem para a constituição de suas narrativas.

Ao longo da análise, foi também observada uma significativa dependência das mídias *online* brasileiras do material informativo produzido e enviado pelas agências de notícias internacionais, que são provenientes dos países que formaram a coalizão ocidental responsável pelo ataque à Síria em 2018. A partir desse fato, levanta-se um questionamento a respeito da “reprodução” dos enquadramentos pelos *sites* brasileiros, que foram originalmente definidos pelas agências estrangeiras, as quais podem utilizar os posicionamentos políticos e ideológicos de sua nação de origem como critérios para formular os *frames* do acontecimento narrado.

No entanto, para chegar a uma conclusão definitiva, seria preciso analisar os enquadramentos noticiosos em outros eventos que compõem o acontecimento da Guerra Civil Síria, levando em consideração o seu contexto político-ideológico. Com isso, espera-se que este artigo colabore com as futuras pesquisas acerca do assunto com um viés mais aprofundado.

Referências

Allan, S. & Zelizer, B. (2004). *Reporting war: Journalism in wartime*. Abigdon: Routledge.

Arbex Júnior, J. (2001). *Showrnalismo: a notícia como espetáculo*. São Paulo: Casa Amarela.

- Carvalho, E. S. (2013). *Jornalismo de Guerra: O caso da Imprensa Portuguesa*. Dissertação de Mestrado em Jornalismo, sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Paulo Serra, Covilhã, Universidade Beira Interior (Portugal). <https://ubibliorum.ubi.pt/handle/10400.6/1599>
- Charaudeau, P. (2012). *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto.
- Emediato, W. (2011). L'argumentation dans le discours d'information médiatique. *Argumentation et Analyse du Discours*, (7). <https://journals.openedition.org/aad/1209>
- Gitlin, T. (1980). *The whole world is watching: mass media and the making and unmaking of the new left*. Berkeley: University of California.
- Goffman, E. (1974). *Frame analysis*. Nova York: Harper & Row.
- Hangai, L. A. (2012). Framing Analysis de Goffman e sua aplicação nos estudos em Comunicação. *Revista Ação Midiática*, 2(1), pp. 1-6.
- Morley, D. (1996). *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Porto, M. P. (2002). Enquadramentos da mídia e política. In Albino, et al. (Orgs.). *Comunicação e política: conceitos e abordagens*. São Paulo: Unesp, pp. 73-104.
- Rieffel, R. (2005). *Que sont les médias ?* Paris: Gallimard.
- Traquina, N. (2008). *Teorias do Jornalismo: por que as notícias são como são*. Florianópolis: Ed. Insular.